

Devastação da Amazônia seria maior

Destruição escapa a satélites e supera o dobro do registrado, diz instituto dos EUA

• RIO e BRASÍLIA. Integrantes do centro de pesquisas Woods Hole, em Massachusetts (EUA), divulgaram um estudo afirmando que a área destruída na Floresta Amazônica anualmente corresponde a mais do que o dobro das estimativas. Segundo os pesquisadores, em reportagem publicada pela revista "Nature", cerca de 15 mil quilômetros quadrados são devastados por ano na maior floresta tropical do mundo por causa da derrubada de madeira.

Devido ao El Niño, no ano passado a devastação real deve ter sido três vezes maior que a registrada. No total, desde que a ocupação na Amazônia se intensificou, 16% da floresta foram destruídos segundo os pesquisadores. Para o Governo brasileiro, esse percentual é de 13%. Os incêndios rasteiros também destroem mais terras e da mesma forma não são incluídos nas estimativas feitas por satélite.

Os pesquisadores do Woods Hole se basearam em inspeções feitas de avião e entrevistas, em vez de imagens de satélites, rastreando 1,3 milhão de metros quadrados de floresta. Eles concluíram que os analistas que estudam imagens de satélite (o principal instrumento para medir a devastação) deixam de notar os danos causados pela derrubada de madeira e incêndios com o objetivo de preparar a terra para cultivo ou pasto. A derrubada seletiva de madeira é difícil de ser detectada por satélite.

"Nós achamos que as atuais estimativas anuais do desmatamento abrangem menos da metade da área da floresta que é empobrecida a cada ano, e ainda menos nos anos de secas rigorosas", diz o pesquisador Daniel Nepstad.

Os incêndios e a derrubada de madeira também estão aumentando a quantidade de dióxido de carbono lançada na atmosfera,

sobretudo durante as variações de clima do El Niño.

A equipe de Nepstad e cientistas do Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazonia, em Belém, entrevistaram 1393 madeireiros, que são responsáveis por boa parte da produção da floresta, para ter uma estimativa dos danos causados pela atividade. Eles pediram a mais de 202 donos de terra que fizessem um cálculo dos danos causados pelo fogo. Os cientistas reconhecem que monitorar a devastação através de satélites é um instrumento essencial para estudar os efeitos da ação do homem nas florestas tropicais mas dizem que é preciso aprimorá-lo para que seja fornecido um quadro mais completo da situação. Eles defendem que este monitoramento seja ampliado.

O Woods Hole é voltado para o estudo de florestas, por causa da sua influência na mudança do clima. Seus técnicos ajudaram a elab-

orar o Tratado Mundial do Clima, assinado por mais de 160 países, preparam um tratado semelhante de biodiversidade.

WWF confirma denúncia sobre limites dos satélites

O diretor-executivo da WWF no Brasil, Garo Batmanian, disse ontem que os números do Woods Hole estão corretos. O erro do Governo brasileiro, atacou ele, é de metodologia: nas imagens de satélites lidas pelo Inpe só aparecem aquelas com tamanho a partir de seis hectares. E os americanos rastream todas as áreas realmente destruídas na Amazônia:

— O problema é que seis hectares equivalem a seis campos de futebol.

O presidente do Ibama, Eduardo Martins, preferiu não comentar ontem o estudo dos pesquisadores americanos. ■

Secretária diz que estudo deve ser levado a sério

Para Mary Allegretti, o centro Woods Hole é conhecido do ministério.

Hélio Hara

Correspondente

• PARIS. Para a nova secretária da Amazônia, Mary Allegretti, os dados do estudo do Woods Hole devem ser levados a sério. Ela diz que foram eles os primeiros a alertar sobre os riscos de fogo em Roraima ano passado. Mary diz que, assim que assumiu o Ministério do Meio Ambiente, Sarney Filho convidou o grupo para acompanhá-lo a Roraima.

— Desde o ano passado eles questionam os dados do Inpe, que conhece os limites da cobertura por satélite — diz — A questão é que aumentou a extração seletiva de madeira na Amazônia. Vista de um satélite, a área pode não parecer fragilizada, apesar de parte dela ter sido afetada.

Pela manhã, antes da divulgação do artigo na "Nature", Sarney Filho, que está em Paris negociando empréstimos para a área ambiental, disse que o Brasil tem o melhor monitoramento do mundo de áreas desmatadas, e que está fazendo um levantamento dos maiores desmatadores para ter uma noção clara do problema.

Para ele, com os US\$ 340 milhões destinados pelos sete países mais ricos ao programa piloto para a conservação das florestas brasileiras (PP-G7), será possível, em quatro anos, reverter o desmatamento e iniciar a recuperação das áreas degradadas. ■

8/14/99 10
Delebor